

Editorial

O reconhecimento *mundial*, em 2013, do património material e imaterial de Coimbra, centrado no saber da sua Universidade e dos seus “colégios”, na sua arquitectura monumental e popular, na sua paisagem rural e urbana profundamente moldada desde a Idade Média, no seu peculiar e propalado *modus vivendi*... não surpreendeu o conhecedor e o amante de tal património. Que convém estudá-lo e divulgá-lo mais, como se procede através de alguns artigos inseridos no actual número da “Revista de História da Sociedade e da Cultura”, também merecerá a unanimidade. Contudo, não estamos a defender, nem sequer a alimentar através da via do conhecimento, o autismo da actuação e da afirmação da cidade universitária de Coimbra, já que, directa ou indirectamente, a sua história está obrigatoriamente *ecologizada* em espaços de escalas variáveis (o local, o regional, o nacional, o europeu, o mundial) e em tempos ou diacronias de longa e longuíssima duração (desde a Idade Média até ao século XX). Como outros artigos também sugerem.

Por definição, uma Universidade é uma instituição que investiga e ensina à escala da *universalidade*, pelo que o processo de intelectualização, embora brotando de uma realidade local, terá sempre tendência a escapar a esse *limes* e a romper, até, com quaisquer fronteiras culturais e ideológicas. Tal não significa porém, mesmo no caso de uma universidade tida por *clássica*, que ela se desapegue do interesse regional e local. Antes pelo contrário, e o “Centro de História da Sociedade e da Cultura” dá disto mesmo exemplo ao desenvolver, desde há anos, um projecto de investigação intitulado “História da Região Centro” [de Portugal].

Nesta mesma linha de pensamento, ninguém ou quase ninguém ousará contestar que, se uma universidade é um *entreposto* do saber adquirido ao longo do tempo com especializações à escala mundial em algumas matérias ou disciplinas, o acesso a tal reservatório deve estar, em primeiro lugar, à disposição das comunidades humanas mais próximas. Só assim é que uma universidade alcandorada a “Património Mundial” fará jus à universalidade, terá o reconhecimento pleno, será adequadamente promovida e esperará ser preservada pelos “seus”.

João Marinho dos Santos

Ex-Coordenador Científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura